

Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

VOL. 14, Nº 1

2012

Universidade Federal da Paraíba

Reitor

Rômulo Soares Polari

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora

Sandra Amélia Luna Cirne de Azevedo

Revista Graphos

Editores

Expedito Ferraz Júnior

Fabricio Possebon

Organizadores do Dossiê

“A Narrativa de Ficção no Século XXI: Cinema / Literatura”

Expedito Ferraz Júnior (UFPB)

Genilda Azerêdo (UFPB)

Pareceristas Ad Hoc

Alessandra Brandão (UNISUL)

Ana Adelaide Peixoto (UFPB)

Antonio João Teixeira (UEPG/PR)

Cristina Stevens (UnB)

Expedito Ferraz Jr. (UFPB)

Flávio Camargo (UFT)

Genilda Azerêdo (UFPB)

Gláucia Machado (UFAL/UFPB)

Íris Vasconcelos (UFCG)

Jeová Mendonça (UFPB)

João Vianney (UnB)

José Gatti (UFSC/TUIUTI/PR)

Liane Schneider (UFPB)

Lilian Rodrigues (UERN)

Luciano Justino (UEPB)

Luiz Antonio Mousinho (UFPB)

Magda Tolentino (UFSJ)

Marinyze Prates (UFBA)

Moema D'Andrea (UFPB)

Ramayana de Sousa (UNISUL)

Raquel Samara (Universidade de Macau/China)

Sandra Erickson (UFRN)

Socorro de Fátima Barbosa (UFPB)

Wiebke Xavier (UFPB)

Conselho Editorial

Ana Cristina Marinho Lúcio
Genilda Azerêdo
Luiz Antonio Mousinho Magalhães
Marta Pragana Dantas

Conselho consultivo

Aloísio Dantas (UFCG)
Cristina Mello (Universidade de Coimbra)
Elisalva Madruga Dantas (UFPB)
Ester Míriam Scarpa (UNICAMP)
Genilda Azeredo (UFPB)
Gentil Luís de Faria (UNESP/ Rio Preto)
Henrique Graciano Murachco (USP)
Juan Antônio Lopes Ferez (UNED/Espanha)
Juvino Alves Maia Júnior (UFPB)
Maria da Gloria Bordini (PUC/RS)
Maria de Fátima B. de M. Batista (UFPB)
Maria do Rosário Gregolin (UNESP/Araraquara)
Maria do Socorro Aragão (UFC)
Maria Nazaré Soares Fonseca (UFMG)
Mônica Nóbrega (UFPB)
Nadilza M. de B. Moreira (UFPB)
Peggy Sharpe (Florida State University)
Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)
Valdir Flores (UFRGS)
Luiz Antonio Mousinho Magalhães (UFPB)

Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

2012

Sumário

Apresentação <i>Genilda AZERÊDO, Expedito FERRAZ JR.</i>	06
Artigos	
A inglesa e o duque: o ponto de vista desmontando mitologias <i>Philio TERZAKIS</i>	12
A wandering subject: hybridity in <i>Iracema, Uma transa amazônica</i> <i>Antonio João TEIXEIRA</i>	22
<i>Dois irmãos: romance de suspeição</i> <i>Maria Analice Pereira da SILVA</i>	37
Heurística do labirinto: literatura e cinema em Valêncio Xavier	47
<i>Paulo Custódio de OLIVEIRA</i>	
Intertextualidade, metaficção historiográfica e paródia pós-moderna em diálogo com a tradição dos romances históricos em <i>Netto perde sua alma</i> <i>Mateus da Rosa PEREIRA</i>	60
Linha de Passe na paralela do impossível <i>Luís André Bezerra de ARAÚJO, Amador RIBEIRO NETO</i>	70
Literatura de multidão: a potência dos pobres na literatura brasileira contemporânea <i>Luciano Barbosa JUSTINO</i>	82
<i>Nostálgica salvaguarda: a fragmentação narrativa e o descentramento do sujeito</i> <i>Nírcia Borges TEIXEIRA, Cristiane PAWLOWSKI</i>	99
O arco do tempo: ficção, História e memória cultural em Chico Buarque <i>Wilma Martins de MENDONÇA</i>	108
O real e a contundência: considerações sobre a estética realista em <i>O homem do ano</i> <i>Fabiana PICCININ, Vanessa MULLER</i>	124
O simulacro e o pós-utópico em Saramago <i>Daniel de Oliveira GOMES</i>	139

Signos metaficcionalis e o diálogo entre gêneros em <i>Jogo de cena</i> <i>Genilda AZERÊDO</i>	146
Sombria luz: o resto em Nuno Ramos <i>Maráza Labanca CORREIA</i>	153
Um conto de Rubens Figueiredo: a narrativa onírica <i>Ana Lucia TREVISAN, Maria Luiza Guarnieri ATIK</i>	165
Ensaio	
O conto brasileiro do Século XXI <i>Rinaldo de FERNANDES</i>	173
Resenhas	
Narcissistic narrative (Linda Hutcheon) <i>Lucia Fatima Fernandes NOBRE</i>	189
Uma teoria da paródia (Linda Hutcheon) <i>Ana Cristina Teixeira de Brito CARVALHO</i>	195

APRESENTAÇÃO

O presente número da GRAPHOS, dedicado às “Narrativas de ficção no século XXI: cinema/literatura” — compõe-se de cinco textos sobre romances; quatro textos sobre contos; e cinco textos sobre filmes. A quantidade indica, inicialmente, equilíbrio quanto às modalidades de expressão narrativa abordadas. Além disso, o equilíbrio acaba por desdobrar-se, como veremos adiante, em termos das questões e problemáticas discutidas, o que demonstra, ao mesmo tempo, variedade e convergência; alinhamento e diversidade de concepções estéticas.

Em ensaio sobre o conto brasileiro do século XXI, constante deste volume, Rinaldo de Fernandes elenca cinco vertentes que supostamente caracterizariam a produção contística contemporânea no Brasil: “1. a vertente da violência ou brutalidade no espaço público e urbano; 2. a vertente das relações privadas, na família ou no trabalho, em que aparecem indivíduos com valores degradados, com perversões e não raro em situações também de extrema violência, física ou psicológica; 3. a vertente das narrativas fantásticas, na melhor tradição do realismo fantástico hispano-americano, às quais se podem juntar as de ficção científica e as de teor místico/macabro; 4. a vertente dos relatos rurais, ainda em diálogo com a tradição regionalista; 5. a vertente das obras metaficcionalis ou de inspiração pós-moderna”. O autor se baseia na recorrência desses aspectos em contos de autores contemporâneos diversos e ressalta que várias vertentes podem dialogar em um mesmo escritor. De fato, ao observarmos a delimitação proposta, percebemos que nas duas primeiras, a ênfase reside em aspectos temáticos e na caracterização de personagens (violência, brutalidade, perversões, relações familiares); nas demais, são as construções formais (metaficção) ou o diálogo com as convenções literárias (realismo fantástico, ficção científica, terror, tradição regionalista) que se destacam. Isto indica que determinado autor pode fazer uso da metaficção para tratar da violência; ou a ficção científica, por exemplo, pode ser parodicamente acionada para falar da degradação de valores, e assim por diante.

Deslocando a preocupação para os autores literários, cujas obras constituem o *corpus* das discussões apresentadas, a variedade é bastante eloquente: ainda no texto de Rinaldo, por tratar-se de um levantamento da produção contística contemporânea, a lista de autores é longa: André Sant’Anna, Antonio Carlos Viana, Marcelino Freire, Marçal Aquino, Nilto Maciel, Dalton Trevisan, Tércia Montenegro, Marília Arnaud, Altair Martins, Nelson de Oliveira, Marcelo Mirisola, Eduardo Sabino, Ataíde Tartari, entre muitos outros.

Os quatro artigos que abordam o conto tratam de autores que podem ser acrescentados à coleta e às considerações feitas por Rinaldo. São eles: Rubens Figueiredo (“Os anéis da serpente”); Nuno Ramos (“Galinhas, justiça”), Valêncio Xavier (“O minotauro”) e Luci Collin (“Nostálgica salvaguarda”). No conto de Rubens Figueiredo, atenção especial é dada à questão do fantástico e do onírico. Nas palavras das autoras do texto, Ana Lúcia Trevisan e Maria Luiza Guarnieri Atik: “A experiência do personagem ou do narrador configura-se como a trajetória da narrativa fantástica e, como tal, deve assegurar a inserção do leitor em um universo de acontecimentos “possíveis”, ao mesmo tempo em que instaura a desestabilização da realidade. No fantástico, a dúvida se espalha e observamos como os personagens se posicionam diante de uma manifestação da realidade imersa no insólito”.

No texto crítico sobre “Galinhas, justiça”, de Nuno Ramos, constante de *O livro dos lobos* (1994; 2009), é o conceito de *resto*, atrelado a considerações sobre o lixo, corpo, sobrevivência, multidão e experiência, que constitui a tônica da investigação de Maraíza Labanca Correia. O conto abordado tem como material “as granjas e os presídios e, por extensão, os espaços cada dia mais comprimidos nas cidades, nos apartamentos, nas ruas, no trânsito”.

Elaborada por Paulo Custódio de Oliveira, a análise de “O minotauro”, terceiro conto da coletânea *O mez da gripe e outros livros*, de Valêncio Xavier, procura sublinhar as inovações formais da narrativa, sobretudo quanto à heterogeneidade de linguagens (com destaque para a expressão não-verbal) que constituem a marca do autor. O diálogo construído com o mito grego adensa o sentido de perdição, demonstrando “a concretude do conceito”. Nele, diz o autor do texto: “o significado é constituinte, não constituído. Não há

um signo que o represente para a consciência. Segue, portanto, um princípio muito diferente daquele que, de ordinário, se atribui ao trabalho conjunto da linguagem com a consciência”.

Em “Nostálgica Salvaguarda: a fragmentação narrativa e o descentramento do sujeito”, Cristiane Pawlowski e Nincia Cecília Ribas Borges Teixeira analisam o conto “Nostálgica Salvaguarda”, constante do livro *Inescritos* (2004), de Luci Collin, escritora paranaense. O contexto da discussão é aquele das inquietações femininas, atrelado à noção de identidade híbrida do sujeito pós-moderno. Por conta da sua formação em música, a escrita de Collin, segundo as autoras do texto, também é marcado por estratégias que tiram proveito de repetições, ritmo, sonoridade e performance. Além da música, também o cinema constitui material de diálogo intertextual utilizado em suas narrativas.

São cinco os artigos dedicados às narrativas de ficção materializadas como filmes. Os objetos escolhidos foram: *Iracema — uma transa amazônica* (Jorge Bodanzki e Orlando Senna); *A inglesa e o duque* (Éric Rohmer); *O homem do ano* (José Henrique Fonseca); *Linha de passe* (Walter Salles e Daniela Thomas); e *Jogo de cena* (Eduardo Coutinho). Dos cinco filmes discutidos, apenas um não é brasileiro. E embora *Jogo de cena*, objeto da análise de Genilda Azerêdo, seja classificado como documentário, a discussão oferecida procura exatamente ressaltar as imbricações entre estéticas e gêneros, especificamente através da relação entre experiência vivida e re-encenada, acontecimento real e ficção, aspecto que adensa o caráter metaficcional do filme.

O texto de Antônio João Teixeira, sobre *Iracema — uma transa amazônica* introduz a discussão a partir de um contexto geral da presença do índio no cinema brasileiro e investiga a personagem Iracema através dos conceitos de identidade e hibridização. A relação irônica e ambígua estabelecida entre personagem e configuração espacial, indiciada no título do filme, encontra ressonância na articulação entre estética ficcional e documental que o caracteriza. O caráter de hibridização, portanto, é pertinente tanto para a caracterização da personagem quanto para a linguagem fílmica adotada.

A análise de *A inglesa e o duque*, no artigo de Philio Terzakis, toma como referencial teórico a questão do ponto de vista no cinema, articulando-o ao tempo de tela e

à caracterização de personagem. Segundo a autora do texto, Éric Rohmer, ao fazer uso pertinente de tais princípios teóricos, cria um filme que desmonta a mitologia da Revolução Francesa e dota a narrativa de complexidade, fazendo-a distanciar-se do simples binarismo entre bem e mal.

A discussão do filme *Linha de passe*, de Walter Salles e Daniela Thomas, por Luís André Bezerra de Araújo e Amador Ribeiro Neto, tira proveito da noção do futebol como linguagem e metáfora para compreender o cotidiano e os conflitos da família representada na narrativa fílmica. Atenção especial é dada à questão da montagem (sobretudo quanto ao paralelismo criado entre as várias “micro-narrativas”), aos personagens e ao espaço, seja o da casa, da rua, ou aquele do estádio de futebol. Ao refletir sobre os significados do filme, o texto não perde de vista a articulação metafórica criada entre o futebol como arena de batalhas, frustrações e celebrações, e o cotidiano daquela família, também marcado pelas mesmas ações e sentimentos.

O homem do ano, de José Henrique Fonseca, é discutido por Fabiana Piccinin e Vanessa Muller a partir da noção de estética realista, primeiro apreendida histórica e diacronicamente, e depois caracterizada como uma prática do cinema brasileiro contemporâneo. Considerando a representação das “experiências de choque”, a que o filme se filia, a análise também se detém em suas marcas contemporâneas, elipses temporais e configurações espaciais, e na caracterização do personagem Maiquel, o matador premiado com o título de “homem do ano”. Trata-se, com efeito, de uma narrativa sobre a “banalização da crueldade e da violência”. Ao mesmo tempo, segundo as autoras do texto: “A história possui o olhar voltado para as classes menos abastadas da sociedade e nelas procura evidenciar os problemas sociais e a realidade vivida, mostrando nas situações de trauma e violência, como de fato o indivíduo pode em certa medida ser refém de um contexto”.

A discussão das narrativas do século XXI no âmbito do *romance* toma como *corpus* autores como Tabajara Ruas, Chico Buarque, Milton Hatoum e José Saramago, entre outros. Em “O simulacro e o pós-utópico em Saramago”, Daniel de Oliveira Gomes aproxima o autor português de Zygmunt Bauman, considerando ambos como “pensadores críticos dos

paradoxos do espaço na pós-modernidade”. Questões como simulacro, duplicação, virtualização do desejo, movimento desordenado, consumo, globalização — temas estéticos e políticos da pós-modernidade — são abordados, através de vários romances de Saramago.

Maria Analice Pereira da Silva toma como objeto de investigação o romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, lançado em 2000. A discussão toma como aspecto primordial a configuração do narrador, “entidade responsável pelo que se caracteriza como ‘romance de suspeição’”. Segundo a autora, a complexidade narrativa se deve ao fato de que a narração se alimenta de reminiscências não apenas do narrador Nael (cuja identidade é inicialmente sonegada, só se sabendo quem é o narrador quando a narrativa já se encontra avançada em dois terços), mas também daquelas de outros personagens, que também se constituem filtros narrativos. Desta forma, a autora argumenta que “os recursos narrativos desenvolvidos nessa trama são levados em consideração conforme uma técnica em que o narrador é observador e testemunha e conta uma história num tempo passado, que não depende exclusivamente de sua memória, mas também da memória, das lembranças de seus narradores ‘coadjuvantes’”.

Mateus da Rosa Pereira discute o romance *Netto perde sua alma*, do escritor gaúcho Tabajara Ruas, levando em conta as noções de intertextualidade, metaficção historiográfica e paródia pós-moderna. Sua abordagem procura articular “uma perspectiva característica do século XXI em diálogo com a tradição do romance histórico tal como inaugurada por Walter Scott e teorizada por Georg Lukács”. Também procura dialogar com o Novo romance histórico latino-americano, que apresenta características semelhantes — embora também se distancie — daquelas da metaficção historiográfica. Tanto uma vertente quanto a outra ficcionalizam personagens históricos, e subvertem, através da paródia e da ironia, versões da história consideradas oficiais, oferecendo, pois, outros olhares marcados pela diferença.

“O arco do tempo: ficção, história e memória cultural em Chico Buarque”, de Wilma Martins de Mendonça, faz uma aproximação entre os três conceitos alinhados no título, para abordar a obra do compositor e do escritor carioca. Tomando inicialmente Eric Hobsbawm e Alfredo Bosi, além de Roberto Schwarz, como referenciais teórico-críticos, a

autora discute o romance *Leite derramado* como um “metadiscorso de memórias”, não se definindo, portanto, como pertencente “à vertente romanesca do discurso histórico”.

O texto de Luciano Justino, sobre “Literatura e multidão: a potência dos pobres na literatura brasileira contemporânea”, tem como *corpus* tanto romances quanto contos — sendo seu interesse observar as *narrativas* (independente do gênero). Considerando autores variados, a exemplo de Patrícia Melo, Paulo Lins, Fernando Bonassi e Marçal Aquino, cujas obras têm sido enfocadas por certa vertente da crítica brasileira pela perspectiva da violência e do realismo, tendo como base os protagonistas e o narrador, o autor se propõe a discutir tais narrativas a partir de outro olhar, que se lança sobre os personagens secundários e sua potência, “vivendo vidas ordinárias, no mais das vezes contra alguma espécie de ordem, produzindo ininterruptamente num ambiente dialógico — no sentido Bakhtiniano do termo — cujas negociações inevitáveis são de solidariedade, de confronto ou da mais pura indiferença, mas que se produzem, sempre, coletivamente”.

As resenhas sobre dois livros de Linda Hutcheon (um dos quais ainda sem tradução no Brasil), sobre a metaficção e a paródia, por Lúcia Nobre e Ana Cristina Teixeira de Brito, também contribuem para uma tentativa de abordagem e apreensão do que seriam as narrativas do século XXI, cuja amostra (relevante) este volume da GRAPHOS acolheu: diálogo subversivo com o realismo convencional; experimentos com linguagens autorreflexivas; práticas artísticas elaboradas sobre noções como hibridismo, simulacro, resto, multidão; políticas e poéticas que se constroem no intertexto com a memória cultural, a história e na imbricação com o próprio movimento da cultura e da arte.

Exedito Ferraz Jr. e Genilda Azerêdo

João Pessoa, outubro de 2012.